

Recomendação de Cultivares de Mandioca para o Estado de Sergipe

Foto: José Gouveia Figueiroa



Hélio Wilson Lemos de Carvalho¹
Wânia Maria Gonçalves Fukuda²
Francisco Elias Ribeiro¹
Ivênio Rubens de Oliveira¹
Vanderlei da Silva Santos²
Marcos Antônio Barbosa Moreira¹
Julio Roberto Araujo de Amorim¹
Kátia Regina Barbosa Leão³
Agná Rita Santos Rodrigues⁴
Sandra Santos Ribeiro⁵
Vanice Dias de Oliveira⁴
Evanildes Menezes de Souza⁵

Cerca de 32.000 hectares do Estado de Sergipe são destinados ao cultivo da mandioca, sobressaindo o município de Lagarto com maior área plantada (8.200 ha). Desse total, 99% são formados por propriedades menores que 10 ha, o que caracteriza uma exploração no âmbito de agricultura familiar. A baixa produtividade de raízes de mandioca registrada nessas áreas (10 a 12 t/ha), evidencia, por um lado, a incipiente utilização de técnicas agrônomicas e da mecanização e, de outro lado, o caráter de subsistência da cultura. Nessa região, as práticas agrícolas rudimentares ocorrem, como consequência, do pouco conhecimento dos agricultores, da exploração de variedades pouco adaptadas, do grande número de locais de beneficiamento de pequeno porte, de minifúndios e da competição com outras culturas mais rentáveis (Conceição, 1987).

Neste cenário, o desenvolvimento de um programa voltado para avaliação de cultivares torna-se de extrema importância, pois manivas-sementes de cultivares de maior adapta-

ção são responsáveis por mais de 30% do resultado de uma lavoura, o que reforça a importância de se observar as características de cada material.

Este trabalho, objetivou, portanto, conhecer o comportamento produtivo e o teor de amido de cultivares de mandioca em diversas Microrregiões do estado de Sergipe, para fim de indicação.

Os ensaios foram instalados nas seguintes microrregiões: Nossa Senhora das Dores, no município de Nossa Senhora das Dores, em solo do tipo Latossolo Amarelo Coeso; do Agreste de Lagarto, no município de Lagarto, em solo do tipo Latossolo Amarelo Coeso de Textura Média, e de Boquim, no município de Umbaúba, em solo do tipo Argissolo Acizentado com Fragipã, de textura média argilosa.

Foram avaliadas onze cultivares de mandioca “brava” em três épocas de colheita, nos municípios de Nossa Senhora

¹Pesquisador, Embrapa Tabuleiros Costeiros, Caixa Postal 44, CEP 49025-040 Aracaju, SE, helio@cpatc.embrapa.br

²Pesquisadora, Embrapa Mandioca e Fruticultura Tropical, Rua Embrapa s/nº, CEP 44380-000, Cruz das Almas, BA.

³Pesquisadora, EBDA, Av. Dorival Caymmi, 15649, CEP 44635-150, Salvador, BA.

⁴Bolsista DTI-G/CNPq/Embrapa Tabuleiros Costeiros, Caixa Postal 44, CEP 49025-040 Aracaju, SE, vanice_dias@yahoo.com.br

⁵Estagiária, Embrapa Tabuleiros Costeiros, Caixa Postal 44, CEP 49025-040 Aracaju, SE, sandrinha_sr@yahoo.com.br

das Dores (14, 16 e 18 meses), com plantio em maio de 2004 e Lagarto (12, 14 e 16 meses), com plantio em maio de 2005, e em cinco épocas de colheita (10, 12, 14, 16 e 18 meses), no município de Umbaúba, com plantio em maio de 2005.

As parcelas constaram de quatro fileiras de 6,0 m de comprimento, espaçadas de 1,0 m, com 0,6 m entre covas, dentro das fileiras, correspondendo a uma população de 16.600 plantas/ha. Foram colhidas as duas fileiras centrais de forma integral, equivalendo a uma área útil de 12,0 m². As adubações realizadas nesses ensaios obedeceram aos resultados das análises de solo de cada área experimental.

Os pesos de raízes e teores de amido foram submetidos à análise variância obedecendo ao modelo de blocos ao acaso, por época de plantio. Realizou-se, a seguir, uma análise de variância, para esses caracteres, englobando todas as épocas de colheita.

No município de Nossa Senhora das Dores as produtividades médias de raízes foram de 21, 22 e 24 t/ha, respectivamente, nas colheitas realizadas aos 14, 16 e 18 meses após o plantio, sendo inferiores quando comparadas com aquelas registradas nos municípios de Lagarto e Umbaúba, devido, provavelmente, a uma maior coesão dos solos da área experimental do município de Nossa Senhora das Dores, o que impediu um melhor desenvolvimento das raízes (Tabela 1). Nota-se que não houve acréscimos expressivos de produtividade de raízes com o decorrer das épocas de colheita, podendo os materiais serem colhidos desde os 14 até os 18 meses após o plantio.

Os teores médios de amido obtidos em Nossa Senhora das Dores foram de 32, 33 e 30%, respectivamente, aos 14, 16 e 18 meses, após o plantio (Tabela 2), os quais, segundo Conceição (1987), devem ser considerados altos. As variedades Mestiça, Lagoão e Kiriris e o híbrido 8711/03 associaram uma maior adaptação a altos teores de amido.

No município de Lagarto, as cultivares apresentaram menores rendimentos de raízes aos 12 meses (Tabela 1). Aos 14 meses e 16 meses após o plantio, os rendimentos de raízes foram mais expressivos, sendo, respectivamente, de 32 e 36 t/ha, o que pode ser atribuído ao maior ciclo das cultivares. As variedades Mestiça, Amansa Burro e Lagoão e os híbridos 8624/18, 8711/03, 8735/01 e 8740/10 mostraram melhores produtividades de raízes. No que se refere aos teores de amido de cada cultivar (Tabela 2), nota-se que, à exceção dos valores obtidos nos híbridos 8735/01 e 8740/10, aos 16 meses as demais cultivares mostraram teores oscilando entre 29 e 32%, o que aliado às altas produtividades de raízes registradas, justifica a recomendação de se efetuar a colheita desses materiais aos 16 meses após o plantio.

As produtividades de raízes no município de Umbaúba aumentaram de forma crescente até os 16 meses após o plantio, atingindo um rendimento médio de 67 t/ha o que pode ser atribuído ao maior ciclo das variedades e as condições edafoclimáticas da região (Tabela 1). A colheita realizada aos 18 meses após o plantio manteve-se em patamar semelhante em relação aquela praticada aos 16 meses.

Observando-se os resultados apresentados nesse município, infere-se que a colheita dos materiais avaliados deve ser praticada entre os 14 e 18 meses após o plantio, quando se registram maiores produtividades de raízes (Tabela 1) e altos teores de amido (Tabela 2).

Os resultados apresentados, após a realização das onze épocas de colheitas, distribuídas nas três microrregiões produtoras de mandioca do Estado de Sergipe, permitem a recomendação das variedades Lagoão, Mestiça, Kiriris e Caravela e dos híbridos 8711/03, 8735/01 e 8624/18 para exploração comercial nessas áreas.

Tabela 1. Rendimentos de raízes de cultivares de mandioca “brava” em diferentes épocas de colheita. Sergipe 2004/2006.

Cultivares	Nossa Senhora das Dores			Lagarto			Umbaúba			Análise Conjunta		
	14 meses	16 meses	18 meses	12meses	14 meses	16meses	10meses	12meses	14 meses		16meses	18meses
8711/03	33 a	27 b	28 a	25 b	34 a	44 a	21 a	46 a	57 a	80 a	82 a	43 a
Lagoão	23 b	24 c	26 a	22 b	34 a	41 a	23 a	53 a	59 a	78 a	69 a	41 b
Mestiça	25 b	32 a	32 a	29 a	36 a	42 a	21 a	48 a	49 a	64 b	65 b	40 b
8735/01	16 c	15 d	20 b	22 b	39 a	40 a	20 a	38 b	52 a	85 a	80 a	40 b
862418	14 c	17 d	26 a	28 a	38 a	38 b	20 a	46 a	53 a	63 b	73 a	38 c
Kiriris	26 b	20 c	23 b	24 b	30 b	33 d	22 a	46 a	51 a	66 b	62 b	37 c
Caravela	15 c	20 c	23 b	16 c	28 b	29 c	17 a	39 b	51 a	81 a	74 a	36 c
8740/10	16 c	22 c	26 a	31 a	31 b	35 b	23 a	45 a	45 b	55 b	62 b	36 c
8707/08	23 b	23 c	22 b	25 b	34 a	35 b	21 a	38 b	54 a	63 b	50 c	36 c
Crioula	19 c	21 c	22 b	25 b	29 b	40 a	14 b	37 b	54 a	62 b	62 b	35 c
8615/19	20 c	20 c	21 b	18 c	31 b	35 b	15 b	44 a	43 b	71 a	66 b	35 c
Amaná Burro	18 c	19 d	20 b	23 b	35 a	40 a	11 a	31 c	40 b	38 c	51 c	30 d
Aramaris	21 c	21 c	24 b	16 c	22 c	23 d	10 a	30 c	39 b	56 b	50 c	28 d
Média	21	22	24	23	32	36	19	42	50,0	67	65	36
C.V (%)	17,5	10,0	13,8	14,5	12,7	7,5	21,9	10,9	11,0	9,1	12,4	12,7

Tabela 2. Teores de amido (%) em cultivares de mandioca “brava” em diferentes épocas de colheita. Sergipe, 2004/2006.

Cultivares	Nossa Senhora das Dores			Lagarto			Umbaúba					
	14 meses	16 meses	18 meses	12meses	14 meses	16meses	10meses	12meses	14 meses	16meses	18meses	
Lagoão	36 a	35 a	31 a	29 a	32 a	32 a	29 a	25 a	31 b	29 b	32 a	31 a
8615/19	34 a	34 a	31 a	30 a	32 a	30 b	28 a	27 a	33 a	32 a	30 a	31 a
Crioula	34 a	34 a	30 a	29 a	32 a	30 b	27 a	28 a	32 a	30 b	31 a	31 a
Caravela	33 a	34 a	31 a	29 a	32 a	31 a	25 b	26 a	31 b	34 a	31 a	30 a
Amanasa Burro	34 a	35 a	30 a	26 a	32 a	31 a	28 a	25 a	31 a	31 a	29 b	30 a
Aramaris	33 a	33 a	30 a	28 a	31 a	32 a	25 b	26 a	30 b	30 b	30 b	30 b
Mestiça	33 a	33 a	29 b	28 a	31 a	30 b	25 b	26 a	31 a	29 b	30 a	30 b
862418	32 a	31 b	31 a	26 a	28 b	30 b	28 a	24 b	29 b	33 a	30 a	29 b
8711/03	31 b	33 a	30 a	25 b	28 b	30 b	24 b	24 b	30 b	28 c	31 a	28 c
8707/08	32 b	35 a	28 b	23 b	28 b	29 b	22 b	24b	27 c	27 c	29 b	28 d
Kiriris	31 b	30 b	28 b	23 b	28 b	30 b	23 b	23 b	26 c	28 c	23 c	27 e
8735/01	27 b	34 a	31 a	24 b	26 b	25 d	23 b	22 c	24 d	28 c	28 b	26 e
8740/10	29 b	28 b	28 b	27 a	27 b	27 c	23 b	21 c	26 c	29 b	24 c	26 e
Média	32	33	30	26	30	30	25	25	29	30	29	29
C.V(%)	6,4	5,3	5,0	6,2	5,7	2,6	8,7	4,7	3,3	3,5	3,4	5,2

Agradecimentos

Os autores agradecem aos assistentes de pesquisa José Ailton dos Santos, Robson Silva Oliveira, Arnaldo Santos Rodrigues, Paulo Sérgio Santos da Mota.

Referência Bibliográfica

CONCEIÇÃO, Antonio José da. **A mandioca**. Cruz das Almas. Livraria Nobel S/A , 1987, 3º ed., p. 27-361.

Comunicado Técnico, 53

Exemplares desta edição podem ser adquiridos na:

Embrapa Tabuleiros Costeiros

Endereço: Avenida Beira Mar, 3250, CP 44,
CEP 49025-040, Aracaju - SE.

Fone: (79) 4009-1300

Fax: (79) 4009-1369

E-mail: sac@cpatc.embrapa.br

Disponível em <http://www.cpatc.embrapa.br>

1ª edição (2006)

Comitê de publicações

Presidente: Edson Diogo Tavares.

Secretária-Executiva: Maria Ester Gonçalves Moura

Membros: Emanuel Richard Carvalho Donald, José Henrique de Albuquerque Rangel, Julio Roberto Araujo de Amorim, Ronaldo Souza Resende, Joana Maria Santos Ferreira

Expediente

Supervisor editorial: Maria Ester Gonçalves Moura

Tratamento das ilustrações: João Henrique B. Gomes

Editoração eletrônica: João Henrique Bomfim Gomes